

Uma cidade erguida no Cerrado

OS PRIMEIROS HABITANTES DE CEILÂNDIA SAÍRAM DE UMA INVASÃO CHAMADA IAPI. A MUDANÇA FAZIA PARTE DA CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO DAS INVASÕES (CEI). DAÍ O NOME CEILÂNDIA

"Quem te viu e quem te vê, Ceilândia. Hoje quando passeio pelas ruas da cidade não consigo não pensar que coisa mais linda". O depoimento é de Edite Martins, 66 anos. A aposentada já fez de tudo um pouco na vida. Hoje vende roupas usadas dentro de casa e faz bombons sob encomenda. Elogio é sempre bem-vindo. Ela, com certeza, não é a única que pensa isso sobre Ceilândia. A diferença está na importância que Edite tem para Ceilândia. Ela foi a primeira habitante a ocupar o lugar que hoje abriga mais de 500 mil vizinhos da ilustre moradores.

No dia 27 de março de 1971, ela atravessou o cerrado dentro de um caminhão. Onze anos após a inau-

guração da nova capital da República, o DF já possuía 79.128 invasores, que moravam em 14.607 barracos, para uma população que não ultrapassava 500 mil habitantes em toda a unidade da Federação. O então governador, Hélio Prates, solicitou a retirada das moradias irregulares e criou a Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), origem de tudo.

Assim, dona Edite saiu da invasão conhecida como Iapi com destino a um lugar estranho, localizado ao norte de Taguatinga, que todos definiam como a solução dos problemas de invasões.

O transporte foi cedido pelo governo. Na caçamba do caminhão que levava Edite estavam os pertences do

barraco em que morava com mais três filhos e uma história de quase 30 anos de vida. Ela estava acompanhada de outras 19 famílias, mas a primeira instalação no novo local foi a de Edite. "Colocaram meu barraco em um local que não tinha nada. Era só cerrado. Foi muito sofrimento, muito frio, muita lama, muita poeira e muita cobra", recorda, sem esconder uma ponta de saudade daqueles tempos heróicos.

Atualmente, 36 anos depois, a situação é bem diferente. As 20 famílias iniciais cresceram, novas pessoas chegaram e aquele local que tinha só a vegetação típica da região se transformou em cidade que possui filhos próprios. "Sempre tive esperança de que as coisas melhorassem, porque foi

o que prometeram quando nos deram o lote. Mas hoje vejo um progresso muito maior do que eu imaginava. Sinto tanto orgulho disso. Me orgulho de fazer parte da história daqui", comenta.

História que ela conta que começou por acaso. "Vim para o casamento de um primo meu, que já estava aqui na cidade e nunca mais voltei para casa", conta a capixaba que largou tudo no Espírito Santo para tentar a vida na capital federal e se tornou a primeira moradora de Ceilândia. "É como se eu tivesse plantado uma semente que deu frutos, porque eu fui a primeira a chegar aqui. Vi tudo acontecer e toda a transformação da cidade", emenda.